

Funcionalismo e tradução literária: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos

Alice Leal
Universidade Federal de Santa Catarina
alice.leal@sulbbs.com.br

Resumo

O modelo funcionalista de análise textual voltada à tradução, de Christiane Nord, é uma sistematização das idéias dos funcionalistas Hans J. Vermeer e Katharina Reiss, destinado à formação de tradutores e à aplicação no processo tradutório em si. Tendo as premissas funcionalistas por base, Nord propõe um modelo composto por fatores extratextuais e intratextuais, de modo que todas as características situacionais à produção do texto de partida, assim como todas as características do texto em si sejam devidamente mapeadas e inter-relacionadas. Curiosamente, o modelo tenciona aplicar-se tanto a textos não literários quanto a literários, indistintamente, fato que constitui o objeto de boa parte da crítica recebida pelo modelo. Por meio de uma breve análise das premissas funcionalistas e dos elementos do modelo de Nord, e utilizando o projeto de tradução de três contos ingleses contemporâneos — cujo princípio norteador foi o modelo em questão —, o presente trabalho visa apontar os aspectos mais efetivos e menos efetivos do modelo, dimensionando, portanto, sua aplicabilidade à tradução literária.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo, Análise textual voltada à tradução, Tradução literária, Texto literário, Texto não literário, Fatores extratextuais, Fatores intratextuais.

Abstract

Christiane Nord's functionalist model of text analysis in translation is a systematization of the ideas of the functionalists Hans J. Vermeer e Katharina Reiss, and its main function is to be applied to translation teaching as well as to translation tasks themselves. Using the premises of Functionalism as a foundation, Nord proposes a model which consists of extratextual and intratextual factors, so that all and every situational characteristic to text production as well as the characteristics of the text itself can be properly mapped and interrelated. Curiously, Nord's model aims to apply to both literary and non-literary texts, indistinctively, which, indeed, constitutes most of the criticism received by the model. Through a brief analysis of the functionalist premises and the elements of Nord's model, and making use of the translation project of three contemporary, English short stories — whose guiding principle was the model —, I intend to point out the positive and negative aspects of the model, estimating, thus, its applicability to literary translation.

KEY WORDS: Functionalism, Text Analysis in translation, Literary translation, Literary text, Non-literary text, Extratextual factors, Intratextual factors.

A mudança de paradigma que as idéias dos funcionalistas Katharina Reiss e Hans J. Vermeer representaram para os estudos de tradução teve grande impacto no conceito de tradução utilizado atualmente. Em vez da tradicional noção de equivalência, cujo princípio fundamental baseia-se na premissa de que texto de partida e texto de chegada devem ser equivalentes,

Vermeer e Reiss propõem uma noção de tradução em que o princípio de equivalência é apenas uma das possibilidades de um encargo ou projeto tradutório. No lugar dele, utiliza-se o princípio da funcionalidade, i.e., o modo como uma tradução deve ser feita dependerá diretamente do encargo tradutório a ela associado. Vermeer também desloca a noção de tradução, até então considerada um processo essencialmente lingüístico, para um processo sobretudo cultural, uma vez que, para o teórico, o ato de traduzir é uma ação humana, dotada de propósitos e intenções, e inevitavelmente inserida em um sistema cultural repleto de particularidades. Daí deriva a idéia de *escopo* (*Skopostheorie*) na tradução, inserida por Vermeer, à qual todo processo tradutório deve submeter-se. Em suma, o funcionalismo contempla a tradução como uma comunicação intercultural, na qual texto de partida e texto de chegada pertencem a sistemas culturais distintos, e por isso suas funções devem ser analisadas separadamente e de maneira pragmática, levando em consideração sobretudo a situação de recepção de cada um dos textos. Com efeito, os receptores dos textos de partida e chegada são, indubitavelmente, um dos princípios determinantes do escopo da tradução, visto que um texto é um ato comunicativo que só se completará no momento da recepção. Sob esse aspecto, o tradutor é um produtor de texto que, munido das intenções do produtor de texto da cultura de partida, produz, na cultura de chegada, um novo instrumento comunicativo (NORD, 1991, 11).

Pouco mais de uma década após o surgimento dessas teorias, Christiane Nord retomou-as, visando sistematizá-las e aplicá-las tanto à formação de tradutores quanto à aplicação no processo tradutório em si. Em seu livro *Text Analysis in Translation — theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis* (Análise Textual na Tradução — teoria, metodologia e aplicação didática de um modelo de análise textual aplicada à tradução), de 1991, Nord apresenta um modelo abrangente de análise textual voltada à tradução, cuja finalidade é estabelecer a função do texto de partida dentro da cultura de partida, para então compará-la à provável função do texto de chegada na cultura de chegada e, por fim, identificar tanto os elementos que serão preservados, quanto aqueles que serão adaptados na tradução.

Retomando a idéia de escopo introduzida por Vermeer, Nord coloca ênfase especial no papel do encargo ou projeto tradutório para a realização da tradução, o qual determinará os propósitos que a tradução busca atingir, e cujo elemento determinante é o provável receptor do texto de chegada (LEAL, 2005, 27-29). O encargo tradutório é um conceito caro aos funcionalistas, posto que não só a confecção do texto de chegada está submetida a ele, mas também a própria crítica de tradução. Para Katharina Reiss, a crítica de tradução só é válida quando toma a tradução no âmbito do encargo que a determinou (CARDOZO, 2004).

O modelo de análise textual de Nord é composto por duas grandes seções: os fatores extratextuais (que podem ser analisados antes da leitura do texto, uma vez que se referem essencialmente à situação na qual o texto é produzido e utilizado) e intratextuais (que se referem ao texto em si). Fatores extratextuais incluem o produtor e o emissor do texto e suas intenções, o receptor, o meio através do qual o texto é veiculado, o tempo e o local da comunicação, o motivo para a produção do texto e a função textual. Os fatores intratextuais, por sua vez, incluem o estilo, tema e conteúdo do texto, além das suas pressuposições, hierarquias textuais, macro e microestrutura, elementos não-verbais, léxico, estrutural frasal e fonologia. Para cada um desses fatores, Nord sugere uma série de perguntas que devem ser respondidas durante o processo tradutório (LEAL, 2005, 102-105). Ademais, a teórica enfatiza que, a despeito da distinção estabelecida entre os dois grandes grupos de fatores e entre os fatores em si, é essencial que a análise de cada fator não se encerre sobre si mesma, mas sim que cada etapa do processo descreva um movimento circular de ida e volta, de modo que uma decisão tradutória faça o tradutor repensar as decisões tomadas anteriormente, e traga implicações para as decisões ainda a serem tomadas.

Uma das características mais intrigantes do modelo funcionalista de Nord é, indubitavelmente, o fato de ele tencionar aplicar-se igualmente a textos não literários e literários, sem qualquer distinção ou adaptação. Com efeito, este é objeto central da crítica por ele recebida. A proposta de pôr fim ao estigma da tradução literária, de que todo tradutor literário deve também ser escritor, dotado de tantos impulsos artísticos quanto o próprio emissor do texto de partida é certamente auspiciosa. Ao abordar tal questão (NORD, 1997b, 91), Nord afirma que não pretende propor um novo modelo de tradução literária. Todavia, ela deseja evidenciar que a tradução literária não é uma arte que resiste a abordagens teóricas e metodológicas.

Quando aplicado, então, à tradução literária (LEAL, 2005, 50-73) — neste caso, a tradução dos contos ingleses contemporâneos “Nothing has Changed” (THUBRON, 1987), de Colin Thubron, “Shopping for One” (CASSIDY, 1987), de Anne Cassidy e “The Spaces in Houses” (VERMES, 2000) de Vivienne Vermes — o modelo de análise textual voltada à tradução oferece um abrangente estudo do texto. Por meio das perguntas sugeridas para cada um dos fatores analisados, é possível dar conta das peculiaridades de cada texto, norteando e vinculando as decisões tradutórias umas às outras. O aspecto mais efetivo do modelo de Nord é, certamente, a sensação de respaldo tradutório, que deriva, por um lado, das especificações do projeto tradutório e, por outro, da abrangente e minuciosa rede de relações das características textuais e situacionais que advém do modelo em si, e sua estrutura de perguntas objetivas. A

noção de projeto ou encargo tradutório, enquanto um esquema detalhado que determina a função e o propósito da tradução, assim como todas as implicações que resultam da provável recepção do texto de chegada, reduzem o leque de opções tradutórias, otimizando o trabalho do tradutor e justificando grande parte das suas escolhas. Ademais, para além do âmbito do projeto tradutório, é preciso considerar ainda que cada decisão tradutória está inserida numa complexa malha de relações, de modo que cada opção parece justificar-se ou excluir-se com base nas escolhas anteriores e posteriores. Mais que simples idiossincrasias tradutórias, como muitos insistiriam em considerar as decisões tradutórias, as escolhas dos tradutores passam a ser parte de um grande jogo de relações, cujas regras e princípios foram determinados anteriormente, com precisão.

Há, contudo, alguns aspectos que parecem fazer mais sentido quando falamos de textos não literários, e quando aplicados a textos literários, adquirem um caráter supérfluo ou, mais freqüentemente, até mesmo infactível. É o caso, por exemplo, do fator extratextual intitulado *intenção*. Quando voltamos aos fundamentos da *Skopostheorie*, de Vermeer, percebemos que a noção de tradução resume-se a uma ação humana e *intencional*. Para o teórico, essa intencionalidade provém do fato de que toda ação humana tem um propósito, já que toda ação reflete uma escolha consciente do agente — por mais que se trate de uma simples escolha entre o *agir* e o *não agir*. No modelo de Christiane Nord, ao aplicar o conceito de intenção à prática de tradução em si, a teórica recomenda até mesmo o contato com o próprio emissor do texto de partida, para que ele mesmo explicita suas intenções, as quais devem ser adotadas, pelo tradutor, no momento da produção do texto de chegada. Nord afirma que, dependendo do encargo tradutório, o tradutor possui liberdade para alterar a função e até mesmo o efeito do texto. Já o quesito da *intenção*, por sua vez, não pode ser modificado, uma vez que o conceito de fidelidade, no funcionalismo, deriva justamente da lealdade do tradutor à intenção do emissor do texto. Interpretar corretamente a intenção do autor do texto de partida é, portanto, um dos requisitos de tradução estipulados pela autora, sobretudo na tradução literária, em que a intenção funciona como uma antecipação teleológica, por parte do emissor, do efeito estético que seu texto deverá atingir.

Identificar a intenção do autor de um manual de forno microondas, ou de uma propaganda de cigarros publicada numa revista masculina, por exemplo, parece uma atividade bastante simples. O próprio diálogo entre o emissor do texto e o tradutor parece, nesses casos, dar-se mais naturalmente. Todavia, quando aplicado a textos literários, este conceito de intenção torna-se um grande problema. São dois os motivos para isso. (1) Ora, se é a recepção do texto

(em detrimento da produção) que vai de fato completá-lo, determinando o efeito atingido pelo texto, não faz sentido colocar-se tanta ênfase na intenção que reside na produção do texto. Um exemplo que ilustra o conflito entre a intenção do emissor e a recepção do texto é o conto de Anne Cassidy, intitulado “Shopping for one”. Quando questionada acerca de alguns elementos poéticos formais presentes no seu texto (sílabas poéticas, sonoridades e ritmo), a autora afirmou desconhecer tais recursos, alegando não tê-los produzido, ao menos conscientemente, no conto em questão (LEAL, 2005, 115). Tal situação demonstra que, a despeito da *intenção* da emissora do texto, entendida aqui como antecipação teleológica do efeito que o texto deverá atingir, a recepção do conto revelou características desconhecidas pela sua própria autora. (2) Traduzir autores ainda vivos, com os quais há possibilidade de se estabelecer contato, permite, ao menos em parte, que o requisito de tradução referente à interpretação correta da intenção do emissor seja preenchido — se desconsiderarmos fatos como o citado no exemplo anterior. Contudo, o que fazer quando os autores não mais estão vivos, ou mesmo dispostos a participar de um projeto de tradução? É claro que há outros recursos dos quais o tradutor deve lançar mão, segundo recomendações de Nord — tais como a fortuna crítica sobre o autor, declarações do próprio autor quanto ao seu trabalho, biografias, informações fornecidas pelos familiares do autor, entre outros. Porém, em muitos casos tais informações são indisponíveis, ou mesmo inexistentes — como no caso dos três autores traduzidos, dada a sua contemporaneidade —, e, em última análise, o que determinará se os elementos da poesia encontrados num conto, por exemplo, foram deliberadamente inseridos ali pelo seu autor, ou trata-se simplesmente de uma coincidência, é a interpretação do tradutor — enquanto receptor do texto. Quanto da tarefa da tradução literária, portanto, a exequibilidade e a relevância da análise da intenção do emissor do texto parecem duvidosas. Os próprios emissores de textos literários, quando questionados a respeito das suas intenções ao escrever seus textos (neste caso, os autores já citados acima), demonstraram certo espanto e desconforto, uma vez que nem eles mesmos saberiam precisar o que eles pretendiam.

O fator *função textual* também apresenta entraves quando aplicado à tradução literária. Para Nord, a função do texto (literário ou não) é uma noção pragmaticamente determinada, cabendo ao tradutor, portanto, comparar a função de texto de partida com a do texto de chegada, sem jamais supor que ambos teriam a mesma função por pertencerem à mesma tipologia textual — já que o mesmo tipo de texto pode possuir funções distintas em culturas diferentes. Novamente, a tarefa de determinar a função de um artigo de jornal ou de uma bula de remédio parece factível, uma vez que tais conceitos encontram-se minimamente sólidos dentro de uma

determinada cultura. Todavia, quando nos deparamos com o texto literário, não há sequer um consenso quanto ao que seria ou não literário, e menos ainda de qual seria a sua função. Nota-se que a discussão acerca da função da literatura adquire proporções enormes quando comparada à discussão da função do texto publicitário, por exemplo, uma vez que os pressupostos e as implicações certamente não são os mesmos.

Já os elementos intratextuais, não obstante sua abrangência e minuciosidade, por vezes parecem não dar conta das particularidades do texto literário. É certo que há espaço, dentro do modelo, para examinar grande parte — se não todos — dos aspectos relevantes de um texto literário — sobretudo se o tradutor já possuir um olhar crítico ao lidar com o texto literário. É preciso, contudo, haver mais do que apenas um espaço vago: é preciso que os aspectos do texto literário sejam analisados tão minuciosamente quanto os do texto não literário. Se a proposta é apresentar um modelo que funcione também para o texto literário, evidenciando que, da mesma forma que não é necessário ser engenheiro mecânico para traduzir um texto técnico na área, não é necessário ser escritor ou formado em letras para trabalhar com tradução literária, então espera-se que esse modelo trate, mais detidamente, das características típicas do texto literário — as quais são, indiscutivelmente, diferentes ou apresentam implicações diferentes daquelas dos textos não literários. Certamente, o tradutor não familiarizado com os procedimentos do texto literário, habituado somente aos textos não literários, possivelmente não se aventurará a fazer tradução literária. Entretanto, o modelo parece destinar-se também a esse tradutor, posto que não há distinção entre tradução literária e tradução não literária, e sobretudo se considerarmos que o modelo apresenta-se como elemento central na formação de tradutores. Por mais que Nord não pretenda apresentar um novo modelo de tradução literária, especificamente, ela afirma pretender mostrar que é possível dar conta do texto literário por meio de uma abordagem metodológica (id. *NORD*).

Para ilustrar tal deficiência parcial dos fatores intratextuais do modelo, o elemento léxico é um bom exemplo. No âmbito desse elemento, é possível incluir boa parte dos recursos literários presentes num conto, por exemplo — tais como a atmosfera, a construção das personagens, o tom do narrador, a(s) linha(s) narrativa(s), a construção de imagens, o uso de símbolos, entre outros. Porém, tais elementos não são abordados diretamente, de modo que eles só serão percebidos como resultados de características essencialmente lexicais — ou da estrutura frasal. Nord recomenda que se atente para cunhagens de palavras, trocadilhos, usos de campos lexicais específicos e padrões de formação de palavras, e que cada constatação feita remeta o tradutor à intenção do emissor do texto. O tradutor menos habituado aos mecanismos do texto

literário, entretanto, certamente terá dificuldade de abarcar tais características somente a partir do léxico.

Grande parte dos aspectos menos efetivos do modelo derivam de duas questões: a carência de detalhamento dos fatores intratextuais, quando aplicados ao texto literário, e o cuidado terminológico. No que diz respeito a este segundo aspecto, é preciso considerar que um estudo do funcionalismo que leve em conta o estado atual da pesquisa na área dos estudos da tradução, certamente apontará para questões fundamentais, como qual o conceito de texto (literário e não literário) que se utiliza, o que se entende por recepção e interpretação do texto, qual a noção de comunidade ou cultura adotada, e o que se entende por função do texto literário. Tais questionamentos são naturais, já que grande parte das reflexões fundadoras do funcionalismo — bem como seus desdobramentos e sistematizações, como o modelo em questão — foi desenvolvida há quase duas décadas, quando ainda não se falava em Desconstrução, por exemplo. Atualmente, mesmo que uma determinada reflexão sobre tradução não esteja vinculada diretamente aos pressupostos desconstrutivistas, falar de ‘texto’, ‘recepção’, ‘leitor’, ‘autor’ e ‘interpretação (correta)’ exige um cuidado diferente do que se exigia há vinte anos.

Já a questão da carência de detalhamento encontrada na aplicação dos fatores extratextuais ao texto literário, por sua vez, exige mais que uma revisão terminológica. É necessário perguntar-se se a análise textual voltada à tradução ocorre nos mesmos termos tanto nos textos literários quanto nos não literários. Ademais, é preciso questionar-se ainda acerca da factibilidade de se abranger todas as características do texto literário em um modelo. Finalmente, há a questão da experiência e familiaridade do tradutor com o texto literário, que, a despeito da eficiência do modelo de Nord, parece ser um requisito para que sua aplicação à tradução literária traga resultados positivos.

Bibliografia

- CARDOZO, Mauricio M.: *Solidão e Encontro: prática e espaço da crítica de tradução literária*. Curitiba, 2004. 174 f. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- CASSIDY, Anne: “Shopping for One”. In: *British Short Stories of Today*. London, England, Penguin Books, 1987.

FISH, Stanley Eugene: *Is there a text in this class? : The authority of the Interpretive Communities*. Massachusetts, Harvard University Press, 1998.

LEAL, Alice Borges: *Funcionalismo e tradução literária – o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos*. Curitiba, 2005. 110 páginas. Monografia (Bacharelado em Letras Inglês-Português, com ênfase nos estudos da tradução.). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

NORD, Christiane: *Text Analysis in Translation: theory, methodology, and didactic application of a model of translation-oriented text analysis*. Trad. Por Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam, Atlanta, Rodopi, 1991.

_____: “Defining Translation Functions: the translation brief as a guideline for the trainee translator”. In: *Ilha do desterro*, nº 33, julho/dezembro de 1997. Florianópolis, Editora da UFSC (p. 39-53), 1997.

_____: *Translating as a purposeful activity: functional approaches explained*. Manchester, UK, St. Jerome Publishing, 1997.

_____: “Entrevista com Christiane Nord”. In: *Cadernos do Tradução*, nº 5, (2000/1). Florianópolis, UFSC – Núcleo de Tradução. (p. 183-213), 2000.

_____: “Training Functional Translators”. In: *Cadernos do Tradução*, nº 5, (2000/1). Florianópolis, UFSC – Núcleo de Tradução. (p. 27-46), 2000.

THUBRON, Colin: “Nothing has Changed”. In: *British Short Stories of Today*. London, England, Penguin Books, 1987.

VERMES, Vivienne: “The Spaces in Houses”. In: *New Writing 9*. London, England, Vintage, 2000.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.